

## TEXTOS

(Sugestões para seminários)

### O MARQUÊS DE BARBACENA VISTO POR UM MERCENÁRIO ALEMÃO (Seweloh)

Pode ser verdade que o Marquês de Barbacena, como general, não possuísse nem as teorias e ainda menos a experiência, que reclama o posto de guerra de general-em-chefe; se, porém, jamais a natureza dotou a um homem das distinções que o qualificam para as altas funções, o Marquês foi aquinhoado em alto grau.

Brasileiro de acendrado amor pátrio, em suas veias predominando o caráter nacional inglês, o mais alto sentimento da justiça, as melhores intenções, o mais ardente empenho por fazer feliz a sua pobre pátria, uma nobre consciência, sob um exterior quase sempre frio e comedido ou propositadamente reservado, pela leveza da etiqueta da corte francesa, em tudo queria somente o bem, a sua vontade era forte, o seu caráter determinado e pouca escola teria bastado para fazer dele um grande general. São as melhores as suas idéias sobre administração da guerra e disciplina, possui um espírito agudo, penetrante, imaginação e eloquência, presença agradável e um caráter muito nobre, fundado na bondade do coração.

Viui o mundo, esteve diversas vezes em Portugal, na França e na Inglaterra; como representante dos interesses do Brasil na Inglaterra ao tempo da revolução, ali esteve em contacto com os maiores homens daquele tempo; era admirador e grande amigo de Sir George Canning, e antes da revolução era um dos homens mais ricos do Brasil, pelo que possuía relações com boas casas européias e o seu senso especulativo ainda agora em qualquer negócio lhe dá extraordinária penetração de vistas e apreensão radical.

É, entretanto, singular que com as qualidades verdadeiramente tão grandes e brilhantes, como dificilmente se pode imaginar reunidas em um só homem, o Marquês de Barbacena tenha tantos inimigos em todas as partes do Império.

As muitas cousas más que de tantos lados a respeito dele ouvi me instigaram a uma observação mais atenta, e tanto mais me prendi a ele, quanto mais fui reconhecendo o seu verdadeiro valor, admirando a maldade, tão inventiva em mil calúnias, que procuravam aviltar, por meio de invencionices vergonhosas, um homem a quem a nação devia honrar pelos sacrifícios por ele feitos para servi-la, como seja o primeiro reconhecimento de sua independência pela primeira nação do mundo, homem ao qual a nação deveria erigir estátuas, em vez de deixar espezinhar por toda parte o seu nome, de maneira vil, pois é um homem verdadeiramente zeloso da felicidade de sua pátria, tendo conquistado alto respeito, onde quer que aparecesse no estrangeiro, com conhecimento de todas as ciências políticas e da administração, tendo observação direta e atenta de boas instituições estrangeiras, conhecedor dos males profundos do seu país e capaz de, com os seus conselhos, indicar e executar com energia os meios conducentes aos bons objetivos.

(Seweloh, A. A. F. de - **Reminiscências da campanha de 1827**, 69-70. Trad. do General Bertoldo Klinger. Rio de Janeiro, Imprensa do Estado Maior do Exército, 1936.

\*

## PROCLAMAÇÃO DOS PATRIOTAS RENANOS

Cidadãos legisladores,

(...) Estamos saindo neste momento da cerimônia mais solene que jamais foi vista em Mayence: estamos vindo aqui de uma assembléia numerosa de homens livres, que nos elegeram segundo os princípios sagrados da liberdade e de igualdade e no seio dos quais prestamos o mais augusto juramento de manter a liberdade e a igualdade, o bem do povo, e de preencher fielmente nossos deveres.

Mayence deve à generosa, à nobre nação francesa o feliz acontecimento de poder inscrever nos seus anais a época importante na qual o escravo oprimido quebrou suas pesadas cadeias; onde um povo, fortemente curvado sob o despotismo, reconquistou seus direitos naturais e onde o homem livre retomou, em todo o seu esplendor, sua dignidade primitiva e seu lugar entre seus irmãos livres.

Mas vossos cuidados, incansáveis legisladores, não pouco contribuíram para completar nossa felicidade atual; recebei primeiramente os nossos mais vivos

agradecimentos e permiti-nos, em seguida, testemunhar, com o mais profundo sentimento, nosso respeito para com uma nação que não está contente de estar feliz sozinha, mas se dá os cuidados mais assíduos para fazer também a felicidade de povos tão diferentes dela pela sua língua e pelos seus costumes.

Participai, rogamos-vos encarecidamente, de nossos sentimentos à vossa generosa nação e pedi-lhe, em nosso nome, para continuar dando-nos sua poderosa proteção para a conclusão da obra que iniciamos nesta região para o bem da humanidade. E vós, cidadãos legisladores, continuai confiando em nós e concedei-nos vosso amor, não somente a nós, mas ao povo do qual somos os magistrados.

Revelai, segundo vosso coração, assim como tendes declarado freqüentemente, que este povo é bom, que ele merece atenção ainda maior, e assegurai-vos que, de nossa parte, preferimos morrer a tornar-nos infiéis ao bem-estar do povo e aos princípios da liberdade e de igualdade.

Mayence, 3 de março de 1793, ano II da República Francesa.

(Assinado: Macke, prefeito; dezesseis oficiais municipais)

(Archives Parlementaires, t. LX, p. 105. Paris, Dupont, 1901. Apud Mattoso, Katia M. de Queirós - **Textos e documentos para o estudo da história contemporânea**, p. 33-34. São Paulo, Hucitec/Editora da Univ. de São Paulo, 1977. (Col. "Textos", vol. 3)